

**RELAÇÕES DE GÊNERO NA EJA: INTERVENÇÕES COLABORATIVAS EM
CONTEXTO DE FORMAÇÃO**

**GENDER RELATIONS IN THE EJA: COLLABORATIVE INTERVENTIONS IN
THE CONTEXT OF EDUCATION**

**RELACIONES DE GÉNERO EN LA EJA: INTERVENCIONES COLABORATIVAS
EN CONTEXTO DE FORMACIÓN**

Naiara de Oliveira Rosa (Mestra em Educação)

Instituição: Universidade do Estado da Bahia - UNEB

E-mail: nairosla18@gmail.com

RESUMO

O presente estudo insere-se no campo das relações de gênero com a Educação de Jovens e Adultos. Analisar as possibilidades de construção da temática gênero em conjunto com a EJA é objetivo da pesquisa. O *locus* do estudo foi uma escola municipal com a colaboração dos discentes e o docente da turma de EJA. A finalidade do estudo foi o de compartilhar espaços dialógicos da temática; optou-se por uma pesquisa de abordagem qualitativa e de metodologia de inspiração colaborativa. Como estratégia para produção de dados, realizou-se uma sessão coletiva de diálogo com os princípios da colaboração e da pesquisa-formação. O estudo demonstra possibilidades formativas da temática na escola; espaços dialógicos viabilizaram desvelar nos dizeres dos/as partícipes suas relações familiares, domésticas e profissionais literalmente conectadas a temática. Conclui-se que, em colaboração com os sujeitos da EJA, foram provocadas sensações que fazem refletir sobre a pertinência e a essência formativa da temática.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Relações de gênero. Itinerário colaborativo.

ABSTRACT

This study falls within the scope of gender relations and Young People and Adults Education. The objective was to analyze the possibilities of construction of the gender theme in conjunction with EJA. The locus of the study was a municipal school with the participation of the students and the teacher responsible for the EJA classes. The purpose of the study was to share dialogical spaces of the theme. To do so, we have opted for qualitative research approach and collaborative methodology. For data generation, we have held a collective dialogue session based on the principles of collaboration and research-formation methodology. The study shows formative possibilities of the theme in the school. Dialogical spaces made it possible to reveal the family, domestic and professional relations in the participants' statements which are literally connected to the theme. We conclude that, in collaboration with the subjects of the EJA, sensations were provoked that contribute to the pertinence and the formative essence of the theme.

Keywords: Young People and Adults Education. Gender relations. Collaborative Itinerary.

RESUMEN

El presente estudio se inserta en el campo de las relaciones de género con la Educación de Jóvenes y Adultos. El análisis de las posibilidades de construcción de la temática género en conjunto con la EJA es el objetivo de la investigación. El *locus* del estudio fue una escuela municipal con la colaboración de los discentes y el docente de la clase de EJA. Con la finalidad de compartir espacios dialógicos de la temática; se optó por una investigación de enfoque cualitativo y de metodología de inspiración colaborativa. Como estrategia para la producción de datos, se realizó una sesión colectiva de diálogo con los principios de colaboración y de investigación-formación. El estudio demuestra posibilidades formativas de la temática en la escuela; los espacios dialógicos permitieron desvelar en las palabras de los participantes sus relaciones familiares, domésticas y profesionales literalmente conectadas a la temática. Se concluye que, en colaboración con los sujetos de la EJA, fueron provocadas sensaciones que nos hacen reflexionar sobre la pertinencia y la esencia formativa de la temática.

Palabras clave: Educación de Jóvenes y Adultos. Relaciones de género. Itinerario colaborativo.

1 INTRODUÇÃO

A educação escolar tem como função desenvolver uma prática formativa planejada e sistematizada durante um longo período na vida dos sujeitos, e isso implica em práticas interventivas em âmbito de formação. Trata-se de uma formação atenta à necessidade de se preparar os indivíduos para a vivência contextualizada de elementos que entrelaçam a formação humana, entrelaces estes que possibilitam discussões das relações de gênero.

Assim, questões relacionadas à temática de gênero estão chegando à escola e invadindo o campo de estudos da educação. Podemos inferir que esta temática possibilita reflexões que nos fascinam, perturbam, incitam curiosidades, desejos e estão por toda parte. Tal destaque deve-se, dentre outros motivos, ao fato de serem questões que rompem paradigmas tradicionalmente formados e alicerçados na mente das pessoas. Ademais, as relações de gênero não têm pontos de contato apenas com questões puramente biológicas, mas abarcam essencialmente uma pluralidade de vivências e saberes, em contexto histórico, social e cultural.

Nesse contexto, entende-se que a escola, em todas as modalidades, principalmente na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), é responsável, dentre outras coisas, pelo preparo das pessoas para a vida social, mediante colaboração efetiva na compreensão da diversidade humana, em atitudes que condizem com a construção do conhecimento – atitudes indispensáveis para o bom convívio social em processo formativo.

Ao tomar a educação como âmbito da construção de sujeitos e de subjetividades,

propõe-se reflexões sobre o conceito de gênero no bojo das relações entre sujeitos homens e mulheres na esfera da formação humana. Sendo assim, é importante pensar na Educação de Jovens e Adultos, modalidade que ampara e norteia este estudo, como campo recheado de especificidades, predominando um público diverso - heterogêneo em todo seu contexto de pluralidades. E são estes elementos preciosos para se trabalharem as relações de gênero em âmbito educacional.

Entretanto, abordar esta temática em nossa sociedade é um imenso desafio, pois implica na desconstrução de diversos conceitos patriarcais e machistas que fazem uma leitura superficial da realidade social, negando a multiplicidade e diversidade cultural, resultando daí inúmeros preconceitos, com sérios impasses para a construção do saber em processo formativo. Logo, o que nos instiga e nos move neste estudo é vivenciar uma EJA no campo das possibilidades, em relativamente construir com e para os/as partícipes espaços formativos nas relações de gênero.

Nesse sentido, no campo das possibilidades, assume-se o desafio de enveredar pelos caminhos dessa temática para e com a EJA. Trata-se de uma perspectiva de compartilhar-se um processo formativo em caráter de colaboração interventiva, com sentidos itinerantes de problematizar os diversos saberes (experiências), nos diferentes contextos em que estão inseridos os/as partícipes deste estudo.

Em face disso, percebeu-se a necessidade de “abordar”, em maior profundidade, as questões relativas à temática. Neste contexto, contou-se com a colaboração de um professor regente e uma turma de EJA. Dessa forma, de imediato, não se poderia deixar de destacar a singularidade nas especificidades que constituem os/as partícipes deste estudo. Durante todo o processo de pesquisa, contou-se com feitura que condiziam com maturidade, seriedade e comprometimento nas atividades da sessão coletiva de diálogo, bem como, acima de tudo, a aceitabilidade generosa que demonstraram no momento de adesão nas discussões da temática de gênero no espaço da sala de aula.

Acredita-se ser pertinente a justificativa de uma pesquisa em educação, as problematizações que entrelacem as relações de gênero na EJA, por terem o potencial de contribuir com a quebra de um silêncio que é legitimado pela sociedade e pela própria comunidade acadêmica e, assim, propor novas formas de refletir, sentir e vivenciar ações práticas formativas frente às temáticas em sua implicação eminente com a modalidade.

Sendo assim, surge a seguinte questão norteadora para o referente estudo: quais as

possibilidades de construção formativa da temática de gênero no contexto da modalidade de EJA? Em face do exposto, com a intencionalidade de compartilhar processos formativos da referida temática na modalidade, o itinerário para nossa questão central de pesquisa segue com o objetivo geral de analisar, colaborativamente, as possibilidades de construção da temática de gênero na modalidade de EJA. Como objetivos específicos, elenca-se: a) identificar os sentidos de gênero na perspectiva dos/as partícipes do estudo; b) problematizar coletivamente com os/as partícipes, percepções dos posicionamentos de gênero.

Neste tocante, para levar adiante a presente proposta de estudo, a metodologia escolhida foi a de uma pesquisa de inspiração colaborativa e de caráter intervencionista, por intermédio do diálogo construtivo na escola com finalidade de desenvolver um estudo não limitado apenas na compreensão do fenômeno, mas com real possibilidade de efetuar intervenções coletivas na realidade observada e demonstrar as possibilidades de construção das temáticas na modalidade EJA.

Sendo assim, coloco-me nesta escrita ao lado daqueles/as¹ que tomam a posição de questionadores/as, que assumem os riscos e, acima de tudo, parte-se do reconhecimento de que enquanto educadora tem-se um compromisso social e político com a desconstrução das desigualdades e da naturalização hegemônica, que emergem a todo tempo em nossa sociedade. Coaduna-se com o sentido de pesquisa de Freire, “diante da assunção de posição de sujeito na história, concebendo que pesquiso para constatar; constatando, intervenho; intervindo, educo e me educo e que pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar uma novidade” (FREIRE, 1996, p.55).

O presente estudo intenciona contribuir para despertar o interesse por tal temática no campo da Educação na modalidade da EJA, no entrelaçar da sala de aula no dia a dia da escola e no questionamento eminente do lugar dessa temática para a modalidade como legitimidade de um instrumento pedagógico.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção, discute-se conceitos pertinentes ao objeto da pesquisa, relações de gênero na EJA, e sobre o contexto de formação no ambiente escolar.

¹ Na composição da escrita desta pesquisa, utiliza-se linguagem que enfatiza marcadores de gênero, para assim coadunar com os sentidos das temáticas as referências respectivamente feitas ao feminino e masculino.

2.1 RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS, TECENDO CONCEITOS

Dimensionar problematizações das relações de gênero na EJA é voltar o olhar para a diversidade-pluralidade que comporta aspectos sociais, culturais e históricos de cada sujeito, pois esta temática versa sobre a essência em posicionamentos, desejos, dentre outras questões que integram vivências e saberes.

Assim, nesta seção trata-se de apresentar conceitos dos pontos que permeiam a referida temática. Mais especificamente, discorre-se sobre como este processo ocorre e entrelaça a vida dos sujeitos, partícipes da pesquisa. Em face disso, gênero refere-se às diferenças dos modos de ser homem e dos modos de ser mulher, modos esses que não são determinados pela constituição biológica dos corpos, mas social e culturalmente construídos” (SCOTT, 1990, p. 22).

Segundo Scott (1990), a temática gênero é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e, sobretudo, sobre que o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder. Dessa maneira, gênero expressa formas de representações, significações, normas, regras, símbolos, códigos, por meio dos quais são articulados os modos de dominação e de poder, ou seja, ser homem ou ser mulher é expressar modos diferenciados de viver o mundo, implicando, portanto, formas diferenciadas de distribuição do poder entre os gêneros.

Assim, o conceito gênero passa a viabilizar espaços para que se pense de modo plural, acentuando que os projetos e representações sobre mulheres e homens são diversos. Louro (1997, p.39) pondera que “[...] na medida em que o conceito gênero afirma o caráter social do feminino e do masculino, aqueles/as que o empregam são obrigados a levar em consideração as distintas sociedades e os distintos momentos históricos de que estão tratando”.

Meyer (2010) afirma que o feminismo pós-estruturalista, aproximando-se de teorizações como as desenvolvidas por Michel Foucault e Jacques Derrida, assume que gênero remete a todas as formas de construção social, cultural e linguística, implicadas com processos que diferenciam mulheres de homens, incluindo aqueles processos que produzem seus corpos, distinguindo-os e nomeando-os como corpos dotados de sexo, gênero e sexualidade.

Portanto, é imprescindível compreender que a constituição do masculino e do feminino não contempla campos estanques e homogêneos, como se homens e mulheres não

apresentassem convergências nas suas experiências e representações ou como se entre homens e homens, mulheres e mulheres também não existissem divergências. Assim, problematizar as relações de gênero, na EJA, requer o cuidado de não cair na simplificação homogênea, mas implica lidar com a dinâmica heterogênea em um processo formativo do sujeito, no contexto plural e diverso.

Sendo assim, uma vez compreendido o conceito de gênero, dá-se seguimento às problematizações das relações dessa temática na EJA, que ainda caminha com impasses e entraves, embora também recheada de possibilidades construtivas para o processo de formação.

2.2 RELAÇÕES DE GÊNERO NA EJA: CONTEXTO DE FORMAÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR

Nesse estudo, aproximamo-nos das contribuições teóricas que trazem um olhar centrado, assumindo uma visão contemporânea da temática de gênero como constructos socioculturais e históricos no processo de formação. Nesse contexto, entende-se que essas relações estão inteiramente constituídas nas escolas. O impasse é buscar entender qual é o papel da escola para e com a Educação de Jovens Adultos frente a essas questões em processo formativo.

As questões relacionadas à temática de gênero, passaram a ser trabalhadas na área de educação para compreender questões que amparam as desigualdades no desempenho escolar de meninos e meninas, a formação de professoras e professores, a violência escolar, a homofobia, a diversidade na escola, entre outros aspectos correlatos.

Nesse contexto, como já se comentou, falar de gênero é voltar o olhar para a multiplicidade que comporta os sujeitos da EJA, em diferentes contextos sociais, culturais e históricos. E quando arquiteta-se a figura da escola para problematização dessas temáticas, não há como fugir de uma organização escolar que comunga com a informalidade e a formalidade, com seus prédios, currículos, docentes, regulamentos, avaliações, vigilâncias, dentre outros aspectos que podem contribuir para a produção das diferenças entre os sujeitos ou silenciamento das temáticas.

Pode-se enfatizar que dificilmente se aborda em meio aos extensos conteúdos programáticos, assuntos pertinentes às relações de gênero nas salas de EJA. A norma é que essa temática seja anulada ou passe despercebida pela escola. Mas, de fato, é justo que ,

enquanto comunidade escolar, as individualidades sejam anuladas nesses espaços de construção de aprendizado sobre essas relações? Ainda se considera que a educação é neutra? Quais são os medos e dúvidas? E por que não se discute sobre elas? Trabalhar expressando o que se é revelará as fraquezas e incertezas pessoais? Se não se conhece ou se permite viver o posicionamento pessoal de gênero, como se irá trabalhar com esses temas em sala de aula?

Para além das problematizações deste estudo, as questões acima destacadas estão inseridas em um contexto geral de reflexão sobre nosso processo de esporádicas anulações de discutir e problematizar gênero no espaço da escola, mas especificamente no espaço da Educação de Jovens e Adultos. Sendo assim, esclarece-se que a escola é vista por Foucault (2002), como uma das instituições disciplinares mais atuantes sobre o corpo dos indivíduos, pois nela os indivíduos passam longos períodos de seus dias e de suas vidas. As disciplinas, para ele, são instrumentos de dominação e controle, destinados a suprimir ou domesticar os comportamentos divergentes.

Neste sentido, compreende-se o espaço escolar constituído de disciplinamento e silenciamento, entretanto, por outro lado, ele também possibilita feitura de diferentes aberturas em que habita o elemento central na estruturação do dispositivo de gênero em diferentes âmbitos formativos. Nesse tocante, apesar de haver nas instituições escolares uma abertura para aderência a diversidade de organizações sociais, Louro (2012), fazendo ponderações das relações de gênero na instituição escolar, afirma que “[...] a escola, da mesma forma que outras instituições sociais, constrói seus discursos e argumentações com base em pares opostos: masculino /feminino; heterossexual/homossexual, normal/anormal, saudável/doente; público/privado; decente/indecente; moral/imoral [...]”. (LOURO, 2012, p. 96). Portanto, nessas relações sempre vai haver espaços de desigualdade, em secundarizações preferenciais.

Dessa forma, pode-se ressaltar que, nos últimos anos, a instituição escolar pareceu “abrir-se” mais para a discussão das temáticas de gênero. Contudo, Louro (2012) alerta para respaldos a esta abertura, pois o que pode, à primeira vista, ser saudado como uma boa notícia, precisa ser examinado mais criticamente.

Sendo assim, é essencial que se tenha atenção para nossas intencionalidades ao discutir gênero na EJA, pois há muitas questões que estão entrelaçadas com a esta temática. E essas questões se voltam a uma diversidade de saberes, sentimentos e posicionamentos que afloram para problematizações em suas relações domésticas/profissional, por exemplo.

Na perspectiva da diversidade de saberes das temáticas, Santos (2011, p.102), contextualiza o sentido do saber em espaços de construção do conhecimento em que, “[...] entendemos que não há igualdade de saberes, mas saberes diferentes”. Neste sentido, um dos aspectos da relevância de discutir estas temáticas na EJA é possibilitar espaços construtivos de formação, que sempre devem coadunar com a valorização das múltiplas identidades que ali se encontram e são reproduzidas.

Pode-se inferir que enquanto educadores/as participa-se de um processo de constante formação no espaço da escola, pois as nossas identidades estão sempre em formação e nunca estarão definitivamente prontas. Logo, para este estudo, utiliza-se o sentido de “diferentes saberes” descrito pelo autor como possibilidade de compartilhar um trabalho coletivo nas discussões das temáticas na sala de EJA. O espaço da escola configurou-se como *locus* de práticas dialógicas interventivas de saberes, pois esta pesquisa não possuía a intenção de trazer respostas prontas correlatas à temática, mas sim vivenciar o processo formativo sobre gênero, voltado às percepções dos/as partícipes desta pesquisa.

É pertinente reforçar que não existem saberes prontos, padronizados, quando se trata de gênero, mas sim uma multiplicidade de ideias, pontos, contrapontos que se entrelaçam em diferentes caminhos vivenciados pelos sujeitos. Sendo assim, no espaço da escola com os/as partícipes desta pesquisa, elementos como colaboração; intervenção e formação foram fundamentais para o processo de construção do conhecimento na diversidade que emprega a referida temática.

Enfatiza-se que pesquisadores e estudiosos/as da área de educação passaram a refletir com maior ênfase sobre questões de gênero em sala de aula, compreendendo o desafio que constitui a escola ainda com a predominância de espaços de normatização/padronização dos sujeitos, mas recheada de microrrelações, em que há espaços para o desafio de compreender a educação e os processos educativos como algo muito mais amplo, que cruza os muros da escola. De acordo com Louro (2000, p.15),

[...] ainda que haja uma delimitação e uma regulação nos discursos sobre sexualidade na escola e independente de haver uma abordagem curricular ou não das temáticas relacionadas à sexualidade e ao gênero, o cotidiano escolar é repleto de situações em que as questões associadas ao gênero e à sexualidade são expressas de forma inequívoca, muitas vezes de forma explícita e ruidosa e outras de forma silenciosa e nem por isso, menos visível. Tais questões sempre estiveram presentes na escola, permeando o ambiente escolar das mais diversas formas, explícita ou implicitamente: a partir de grafites nos banheiros, corações nas carteiras e namoros no corredor, bilhetes nas salas de aula, nas brincadeiras, piadas, falas e atitudes dos professores e dos estudantes.

Corroborando com os sentidos postos pela autora, é fato que não se deixa gênero fora da escola; ela comporta todos os espaços educativos, porque faz parte da constituição dos sujeitos. Por isso, compreende-se a educação escolar como espaço de discussão para as relações da temática. E, ainda se reforça que, por estas questões estarem em todo o contexto da escola, a centralidade desta pesquisa buscou, por um conjunto de processos pelos quais os/as partícipes foram autores colaboradores das percepções da referida temática, pois gênero habita suas vivências, sendo assim é impossível desprendê-las da escola.

Neste estudo, compreende-se a escola como espaço que viabilize instigar no educando a capacidade de expressar e comunicar suas ideias, participar e interpretar as produções culturais, abrindo caminhos para que se possa intervir pelo uso do pensamento lógico, da criatividade e da análise crítica da diversidade em problematizações instituída na EJA.

No tocante a compreensões que dimensionam as situações formativas no âmbito pessoal, social e política que envolvem discutir gênero na escola de EJA, compreende-se que as marcas e concepções históricas e culturais entre homens e mulheres na diversidade que as constituem, atravessam a EJA nos mais diferentes modos: nas expressões de sexualidade, nas desigualdades de gênero, nas diferenças ali postas, em situações de abuso sexual e de violência doméstica, no poder de resistência, na superação, na denúncia, na liberdade sexual, na repressão sexual, nas relações postas, na prevenção e cuidado, nos cuidados com o corpo, no machismo e feminismo.

Logo, gênero diz respeito a muitas esferas de atuação na formação humana – inclusive na construção do conhecimento. Assim, Louro contextualiza:

[...] sem a sexualidade não haveria curiosidade e sem curiosidade o ser humano não seria capaz de aprender. Tudo isso pode levar a apostar que teorias e políticas voltadas, inicialmente, para a multiplicidade da sexualidade, dos gêneros e dos corpos possam contribuir para transformar a educação num processo mais prazeroso, mais efetivo e mais intenso (LOURO, 2012, p. 92)

Como se observa, os caminhos dialógicos nesse trabalho visam fornecer um papel essencial na definição e na (re)construção dos caminhos propostos pelo grupo, possibilitando uma análise crítica das situações vivenciadas, por meio da problematização em atividades colaborativas na sala de aula e por intermédio das próprias ações desenvolvidas em conjunto.

Como aborda Aquino (2009, p.136), “[...] aprender não é apenas dizer isso ou aquilo, é descobrir novos meios de pensar e de fazer diferente; é partir à procura do que poderá ser o ‘diferente’”. Nessa dimensão de descobrir novos meios de construção do conhecimento, as

conexões entre as relações de gênero na EJA, nas suas mais variadas formas de expressão – rituais, fantasias, linguagens – são entendidas como processos que se constroem na cultura, nos mais variados espaços sociais em um determinado tempo histórico, passíveis de resignificação.

Nessa realidade, considera-se essencial nesse processo de pesquisa a contemplação da construção do saber, em viés de colaboração, constituindo espaços formativos, em uma relação conjunta com os partícipes/as da pesquisa, na perspectiva de uma ação transformadora. Pois, problematizar as referidas temáticas com os/as partícipes deste estudo em espaço da escola de EJA foi uma questão fundamental no processo de aprendizagem em contexto social. Como aborda Arroyo (2001), a EJA nunca foi algo exclusivamente do governo ou do sistema educacional, pelo contrário, sempre se espalhou pela sociedade.

A intencionalidade e respaldo partem de um campo específico da EJA, na especificidade de tempo de vida do jovem e do adulto, em contexto histórico, diverso e sociocultural. Acredita-se que a construção de uma proposta de trabalho direcionada às necessidades dos sujeitos da EJA em relação à constituição formativa de gênero se configurou na realização do objetivo principal desta pesquisa e, por isso, não há pretensões de refutações nem confirmações de teorias.

Para além disso, nosso desejo foi elaborar uma proposta pedagógica lastreada no diálogo colaborativo em ações práticas na escola em sala de EJA, emergido frente às percepções propostas pelos próprios partícipes do estudo e, assim, possibilitar atender, significativamente, às suas respectivas demandas postas nas relações da temática.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA COLABORAÇÃO: INTERVENÇÃO, PESQUISA E FORMAÇÃO

Os percursos e o empenho para a formação devem ser concebidos para responder às demandas de uma sociedade na qual o “ato de pesquisar” significa a produção de novos saberes, significa o ato de um aprendizado contextualizado nas lógicas de partida e de chegada. (AQUINO, 2009, p.136).

Apresenta-se como epígrafe as palavras descritas por Aquino (2009), por compreendê-las como elementos que impulsionam a feitura desta pesquisa. Nessa dimensão, compartilha-se neste espaço metodológico um trabalho colaborativo que coadunou com finalidades práticas interventivas, e em processo de dialogicidade possibilitou vivenciar-se com os/as partícipes deste estudo a construção formativa da temática de gênero na e para a EJA.

A dimensão desta pesquisa tem por alicerce a abordagem qualitativa, que abre espaço para o/a pesquisador ter a liberdade de identificar elementos implícitos nas ações e relações estabelecidas e vividas pelos sujeitos. E, assim, acredita-se que esta abordagem possibilitou um processo de relação entre a colaboração dialógica as teorias estudadas e as informações coletadas e registradas. Segundo Lüdke e André (1986, p 20), “[...] A pesquisa qualitativa envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes”. Assim, esta abordagem foi escolhida por possibilitar o encontro dialógico da necessidade de relacionar, colaborativamente, a compreensão de saberes, experiências, sentimentos e interação na formação humana no itinerante percurso das relações de gênero para a EJA.

Dentro da abordagem qualitativa, considera-se esta investigação como percursos colaborativos na modalidade de pesquisa-formação em caráter intervencionista, pois a nossa pretensão não é desenvolver um estudo no âmbito apenas da compreensão do fenômeno, mas deseja-se também realizar intervenções práticas colaborativas na realidade observada. Nesse sentido, Desgagné (2007, p.23) pontua que, em âmbito formativo, o “[...] objetivo mais amplo da abordagem colaborativa visa à construção de uma cultura comum, resultante do processo de mediação entre a pesquisa e a prática, onde os conhecimentos construídos em colaboração levam em conta tanto os limites quanto os recursos desses dois mundos”.

Em face do sentido prático colaborativo, Ibiapina (2013) contextualiza que a pesquisa colaborativa procura não apenas descrever e explicar as ações vivenciadas pelos participantes no contexto da sala de aula, mas, também, interferir em sua prática pedagógica, possibilitando sua reconfiguração de modo reflexivo e colaborativo. Neste estudo, a amplitude colaborativa constituiu em possibilitar aos partícipes nas atividades práticas, dimensões formativas em problematizações das temáticas de gênero na EJA.

Nessa dimensão de envolvimento dialógico em espaços formativos, salienta-se que as pesquisas que contemplam abordagem colaborativa se norteiam por um processo de ação educativa com viés de problematizações, criticidade e participação coletiva. Nesse sentido, planeja-se a organização sistemática dos princípios da **intervenção, colaboração, pesquisa-formação e dialogicidade**. Trabalha-se com estes princípios por compreendê-los como elementos fundamentais e necessários para este trabalho de investigação, sobretudo como norteador em elementos que integraram nossas intencionalidades na sessão coletiva de

diálogo.

O **princípio da intervenção** obteve o caráter pedagógico na construção da temática de gênero com os/as partícipes da EJA por intermédio do diálogo construtivo na escola *locus* do estudo. Nesta pesquisa, a escolha pela intervenção justificou-se por possibilitar a prática de intervenção e interação. Entende-se que, na pesquisa aplicada, conforme prevê o Mestrado Profissional, utilizando o recurso da intervenção, não há respostas mecanizadas, prontas e engessadas. Como pesquisadoras com os/as partícipes da pesquisa, a proposta é a de construção e criação nas realizações das atividades práticas.

Nesse sentido, conforme argumenta Gil (2002, p. 17), “realizar a pesquisa pura, dissociada da pesquisa aplicada, é inadequado, tendo em vista que a ciência objetiva tanto o conhecimento em si mesmo quanto às contribuições práticas decorrentes desse conhecimento”. Logo, a intervenção com os/as partícipes da EJA assume uma posição pedagógica e dialógica, de modo que proporcionou maior visibilidade às ações, às práticas, instigando, na coletividade, as contradições e levantamentos de questões para a problematização.

Assim, retoma-se concepções de Freire (1992, p. 52), ao afirmar “[...] não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão”. Assim, acredita-se que a intervenção em uma pesquisa aplicada é parte coabitante da colaboração, por isso vislumbra-se a necessidade de aproximação de uma abordagem teórico-metodológica capaz de possibilitar, por exemplo, realização de atividades colaborativas nas sessões coletivas de diálogo desenvolvidas com os/as partícipes envolvidos na pesquisa.

Neste tocante, o **princípio da colaboração** envolveu reflexões em torno de problematizações vivenciadas em coletividade, em um processo construtivo que proporcionou a expansão das atividades práticas desenvolvidas. Nesse estudo, este princípio foi utilizado, como mecanismo interventivo, a fim de possibilitar uma relação de confiança em aberturas dialógicas entre partícipes e pesquisadoras, para que expressassem suas contribuições e tivessem abertura para expor suas concepções, ideias, vivências, anseios, questionamentos, conflitos, angústias, alegrias, medos, tabus, enfim, para que pudessem demonstrar seus pontos de aceitação ou divergências em relação ao processo colaborativo no qual estão envolvidos/as.

Ibiapina (2016) esclarece que, em pesquisas colaborativas, além dos principais atores envolvidos diretamente na investigação, contempla-se todo o contexto social e cultural prático no qual se insere a investigação. “Em sentido lato, colaborar significa pensar-agir para criar

possibilidades de compartilhamento das ideias, percepções, representações e concepções, com o propósito de criar, cujo questionamento central é a via do confronto, constitui princípios básicos da investigação colaborativa” (IBIAPINA, 2016, p. 23).

O princípio colaborativo da **pesquisa-formação** viabilizou a expansão da temática de gênero em possibilidades de vivenciar-se em maior profundidade uma diversidade de percepções acerca do tema proposto. Essa expansão só foi possível pela abertura colaborativa dos/as partícipes em aceitar positivamente problematizar espaços interventivos de formação dialógica, em expor seus questionamentos, percepções, reflexão, na construção de fazerem e refazerem percursos de formação nas relações de gênero.

Assim, o processo de pesquisa-formação foi utilizado na ideia de pesquisadoras e partícipes simultaneamente vivenciarem momentos de construção e pesquisa, nos sentidos das concepções das temáticas na EJA, o que coadunou com o processo de produção de conhecimento científico. Desgagné (2007) argumenta este processo de formação e pesquisa como essenciais em estudos colaborativos, ressaltando que, embora apresentem naturezas diferentes, entrecruzam-se, permanentemente, não havendo, portanto, possibilidade de desenvolver uma pesquisa colaborativa que não esteja engajada nesse compromisso formativo-investigativo.

No entorno das questões formativas destacadas pelo autor, o processo de pesquisa-formação nesse estudo coadunou com possibilidades construtivas, em que se formula as percepções pessoais (pesquisadoras e partícipes) nas temáticas trabalhadas, articulando os saberes, as vivências socioculturais dos colaboradores deste estudo. Essa construção de diversas percepções das temáticas respaldou-se em práticas de colaboração em condições de igualdade em que os/as partícipes puderam colocar seus pontos de vista e suas concepções no processo de pesquisa-formação, em específico nos sentidos vivenciados pela temática ‘gênero’.

Em âmbito formativo, enfatiza-se a **dialogicidade**, na dimensão de vivências de intervenção-formação, em que não houve espaços de hierarquia, mas sim construção de ambiente dialógico em que tanto os/as partícipes da pesquisa quanto nós, enquanto pesquisadoras, produziu-se relações baseadas em decisões compartilhadas e democraticamente discutidas. Todos/as tiveram espaços dialógicos de vez e voz para colocar as impressões, compreensões, concordâncias e discordâncias diante das temáticas problematizadas.

E, para isso, foi primordial deixar claro as atribuições que concernem aos partícipes (o docente e alunos/as da EJA), negociando momentos a serem realizados no desenvolvimento das atividades da pesquisa. O diálogo, nesse processo, exerceu função fundamental, inerente à viabilidade de construção, norteado por questões éticas, com a finalidade de propor benefícios em conjunto com os/as partícipes, no âmbito das questões inerentes à relação de gênero. Sobre esses princípios do processo colaborativo, Freire (1987, p.166) explica:

[...] A co-laboração, como característica da ação dialógica, não pode dar-se a não ser entre sujeitos, ainda que tenham níveis distintos de função, portanto, de responsabilidade, somente pode realizar-se na comunicação. O diálogo, que é sempre comunicação, funda a co-laboração.

Assim, opta-se nesta pesquisa por uma metodologia de inspiração freireana, em que o diálogo precede o encontro colaborativo entre professores e alunos. Segundo Freire (2005), a dialogicidade tem início quando o educador se pergunta em torno do que vai dialogar com os educandos, diálogos que intencionem o despertar da consciência e posicionamentos de cada um para compreender as questões socioculturais que os/as rodeiam.

Diversos são os motivos que conduzem à execução de uma pesquisa colaborativa. Ibiapina (2016) pontua a possibilidade de aproximação das relações estabelecidas entre os pesquisadores que atuam representando a universidade e os professores representando as escolas. Para este estudo, a consolidação de atividades práticas colaborativas trouxe a essência da diversidade de percepções dos/as partícipes da EJA em problematização das temáticas trabalhadas.

Em face disso, esses momentos colaborativos possibilitaram um processo de articulação de investigação acadêmica (pesquisadoras) e a comunidade escolar (partícipes da pesquisa). No sentido de coadunar um processo formativo simultâneo, assumiu-se a tarefa de construir caminhos, de colaborar na construção de novos sentidos das relações de gênero para e, essencialmente, com a Educação de Jovens e Adultos.

3.1 APROXIMAÇÕES COM O CENÁRIO DA PESQUISA E OS PRINCÍPIOS PARA A CONSTRUÇÃO DE UM TRABALHO COLABORATIVO

A instituição em que a pesquisa foi desenvolvida é uma escola municipal, localizada no Estado da Bahia. A instituição oferece Ensino Fundamental I nos turnos matutino e

vespertino e Educação de Jovens e Adultos no noturno. A opção por essa escola se deu essencialmente pela abertura e demanda da escola para abarcar as temáticas na modalidade. Ademais, constatou-se que nesse espaço há uma fervorosa relação de prática em cumplicidades integrativas, em relações postas com alunos/as da Educação de Jovens e Adultos.

Nos entrelaces desta pesquisa, trilhou-se caminhos da **sessão coletiva de diálogo**. A escolha desse dispositivo se constitui no intuito de se trabalhar teor formativo - interventivo, possibilitando momentos de dialogicidade nas relações de gênero com os/as partícipes da pesquisa. Tal procedimento está ancorado na perspectiva de atividades colaborativas, o que contribuiu para a sintonia entre pesquisadora e partícipes e para uma possibilidade para estabelecer relação de confiança em problematização de situações da temática vivenciadas pelos partícipes, o pensar cônica e, nesse sentido, a práxis. Coaduna-se com o sentido de práxis como “[...] derivada da ação dialógica e, sendo reflexão e ação verdadeiramente transformadora da realidade, é fonte de conhecimento reflexivo e criação” (FREIRE, 2005, p. 106).

Em viés educacional, as atividades práticas colaborativas surgem na atualidade como viabilidade metodológica concreta na vida daqueles que desejam mudanças e transformações imediatas nas práxis pedagógicas. Nesse sentido, ao se optar pela realização da sessão coletiva de diálogo, investiu-se em um procedimento colaborativo que possibilitaria a compreensão deste objeto de estudo, oportunizando espaços para se partilhar saberes e vivências correlatas às temáticas trabalhadas.

Portanto, o tema que compõe a sessão coletiva de diálogo foi um processo seletivo, fruto de espaços dialógicos que surgiram como tentativa de atender às demandas percebidas, em posicionamentos de ideias e concepções dos/as partícipes, pois se compreende que nesta pesquisa os espaços formativos foram constituídos pela autonomia colaborativa em que todos e todas são partícipes – construtores deste trabalho colaborativo.

A seguir, apresenta-se um quadro que sintetiza a sessão coletiva de diálogo (SCD) realizada com os/as partícipes, na composição de seu respectivo objetivo e centralidade do tema.

Quadro 1 - Sistematização das sessões dialógicas coletivas

SCD	Objetivos de formação-intervenção	Objetivos de pesquisa	Centralidade do tema ponto para problematização
Diversidade e relações de gênero na EJA – ser homem e ser mulher uma construção	Problematizar as relações de gênero na construção das masculinidades e feminilidades, em diversos âmbitos sociais.	Compreender colaborativamente concepções de masculinidade e feminilidade em diversos âmbitos sociais.	1- Relações de gênero, conceituando as construções de feminilidades e masculinidades na EJA; 2- Problematizando com os/as partícipes as relações de gênero em âmbito profissional/doméstico em entrelaces e perspectivas sociocultural; 3- Diversidade <i>versus</i> EJA, a construção da masculinidade e feminilidade, em diversos âmbitos formativos e posicionamentos sociais.

Fonte: Produzido pela pesquisadora em 2017.

4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

SM3: Falar dessas temáticas é voltar para nossas vidas, escolhas, vivências. Muitas vezes na sala a gente sempre discute sobre gênero, mas agora com esses encontros faremos isso com mais propriedade. Não para dizer o que é certo ou errado, nem apontar qual caminho seguir, mas apresentar possibilidades de vivenciar as temáticas.

(SM3, professor da turma)

A partir da epígrafe proferida pelo partícipe **SM3**², impulsiona-se a feitura deste capítulo, ressaltando o sentido de construção colaborativa como elemento essencial vivenciado neste estudo. Trata-se de construções que contemplaram o âmbito dos saberes, partilhadas em momentos de simultânea aprendizagem entre pesquisadoras e partícipes, em sintonia com o engajamento no campo das possibilidades em se vivenciar as relações de gênero em âmbito formativo.

Nesse sentido, com foco nos objetivos da pesquisa que condizem com problematizar a temática com e para a EJA na finalidade de possibilitar aspectos formativos, explicitou-se o resultado do estudo colaborativo, mediante discussão e sistematização na integridade das falas dos/as partícipes da pesquisa. Buscou-se uma análise dos dizeres que procurassem expressar o compartilhamento de ideias, conceitos e percepção que serviram para refletir os anseios, desejos, impressões e possibilidades expressas e partilhadas de vivências de gênero na EJA.

Sendo assim, de acordo com Fischer (2002), o discurso ultrapassa a simples referência a “coisas”; ele é produzido para além da mera utilização de letras, palavras e frases, ou seja, ele não se resume ao simples signo linguístico, mas apresenta regularidades intrínsecas a si

² SM3 é o professor regente da turma de EJA, suas atribuições, e colaboração em todo o processo de pesquisa, ocorre simultaneamente, seguindo as mesmas finalidades dos/as demais partícipes do estudo.

mesmo. Nessa perspectiva, parte-se para a análise dos dizeres implicados na construção dos saberes, em aspectos da diversidade humana, por meio da qual é possível definir uma rede conceitual discursiva que, conectada a um processo dialógico - interventivo, viabilizou a constituição de percepções da temática pelos/as próprios partícipes do estudo.

4.1 DIVERSIDADE E RELAÇÕES DE GÊNERO NA EJA: SER HOMEM E SER MULHER – UMA CONSTRUÇÃO

Questão Dialógica Interventiva: Como a sociedade influenciou e/ou influencia sua construção no modo de ser homem e no modo de ser mulher?

Gênero pode ser entendido como uma ampliação do conceito puro e simples de ser homem e de ser mulher; contudo, vai muito além, pois leva em conta a percepção do sujeito a respeito dele mesmo, de como vive sua sexualidade, da forma como sente prazer e de como se apresenta diante de uma sociedade interessada em como o indivíduo vivencia suas relações familiares, afetivas, religiosas, dentre outras dimensões sociais.

Pode-se inferir que as relações de gênero são, acima de tudo, uma construção social e como tal recebem influências diversas de todo o contexto em que o indivíduo está inserido. Assim, falar desta temática é, antes de tudo, falar de pluralidade e de diversidade, falar de rótulos, estigmas, preconceitos, naturalização, normatização, engessamento, homogeneidade, heterogeneidade, incompreensão e também de possibilidades de construção. As contribuições nos dizeres dos/as partícipes condizem com uma construção diversa nas relações de gênero.³

SM1: Eu fui criado na roça, tinha irmãs e irmãos, mas minha mãe não deixava nós os meninos fazerem coisas de casa, nós tinha que ir para a roça, cuidar da terra. Então minha mãe foi ensinando a gente que lugar de homem não é na cozinha e nem cuidando de casa, meu pai era muito bruto, ele falava que homem tem que fazer coisa de homem trabalhar e sustentar a casa. Eu vejo que na minha casa eu acabo repetindo a mesma coisa que meu pai e minha mãe fizeram comigo, sou muitas vezes bruto.

SM2: Eu fui aprendendo a ser homem com minha família, na escola, na igreja e nas brincadeiras de rua. Em casa já falam logo o tipo de roupa que é de homem, a postura, o andar, e na escola a gente já faz nosso grupo de meninos já brinca com nossa bola, nosso jogo de luta. Então todos os espaços que a gente vai passando, vão ensinando a gente a ser homem.

SF1: Eu fui criada sem pai, então desde muito cedo tinha que me virar com minha

³ Ressalta-se que as falas dos/as partícipes deste estudo são transcrições *verbatim*, ou seja, transcritas literalmente em relação à gramática do falante.

mãe e meus irmãos, porque eu sou a mais velha. Trocar lâmpada, torneira, assentar uma pia de cozinha, trocar chuveiro e muita atividade que o povo fala que só o homem quem faz lá em casa era eu e Mainha quem fazia. Quando tinha marido na minha casa permaneceu assim eu não esperava meu marido chegar do serviço, para fazer minhas coisas. Fui aprendendo e me construindo mulher nos vários tropeços da vida, uma vida dura difícil, mas valeu apena, hoje eu me orgulho da mulher que sou.

SF2: Eu sou mulher, trabalhadora e agora estudante. Gosto de cuidar da casa mas gosto de ser cuidada também. Fui criada para ser doméstica dondoca, mas trabalho fora e estudo. Sempre fico pensando em como posso ser, em como posso viver bem. Ser hoje uma mulher submissa a homem, a filhos me traria uma infelicidade enorme.

SM3: Penso que a gente vai se construindo homem em todas as instâncias sociais. Eu tive uma doutrina cristã onde o homem é criado para ser parceiro, um colaborar em casa, na criação dos filhos. Meu pai era assim então logo, fui aprendendo a ser assim também. Confesso que ser um homem neste estilo é difícil, pois sempre somos julgados por ser diferente da norma, do padrão de homem machista e autoritário.

Em face das falas acima apresentadas, evidencia-se que, de fato, as relações de gênero estão plenamente conectadas como uma construção social e como tal estão na dependência do meio em que os/as partícipes vivem nos diferentes espaços que foram os constituindo. Assim, há uma pluralidade de vivências culturais em suas falas que demonstram que gênero tem um sentido sociocultural. Respalda-se o sentido de cultura apresentado por Freire:

O homem e a mulher enchem de cultura os espaços geográficos e históricos. Cultural é tudo o que é criado pelo homem e pela mulher. A cultura consiste em recriar e não em repetir. Homens e mulheres podem fazê-los porque tem uma consciência capaz de captar o mundo e transformá-lo (FREIRE, 2011, p. 38).

Nessa lógica cultural apresentada pelo autor, a fala de SM1, por exemplo, chama atenção pela influência de sua mãe e o do pai na sua formação. A fala de SM2 é reveladora de como as relações sociais impactam na construção de gênero chamando atenção a influência da Igreja e dos amigos, e SM3 nos lembra que ser um homem-parceiro causa espanto em uma sociedade ainda essencialmente machista.

Sendo assim, Louro (2000, p. 10) considera que “[...] a inscrição dos gêneros — feminino ou masculino — nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura”. E, para nosso estudo, a compreensão dessas marcas culturais esteve impressa nos diferentes contextos em que os/as partícipes foram e estão se fazendo ao decorrer das facetas da vida. Assim, vão sendo constituindo homens e mulheres em meio às relações histórica, social e cultural, fazendo-se, tornando-se e constituindo nossas masculinidades e feminilidades.

Em face às relações sociais de gênero, nos dizeres aqui apresentados em se fazer

homem e se fazer mulher, privilegiou-se percepções desta temática como algo não apenas ou estritamente ligado ao desempenho de papéis masculinos ou femininos, mas sim ligado à produção dos saberes desses partícipes, homens e mulheres em suas múltiplas vivências e construções nas relações de gênero expressas em suas falas. Pinto (2010) esclarece que o saber é conjunto dos dados da cultura que se têm tornado socialmente consciente e que a sociedade é capaz de expressar pela linguagem. Essa expressão esteve impressa essencialmente na diversidade dos seus respectivos contextos formativos, os quais foram fundamentais para sua construção, a saber: família, pai, mãe, igreja, esposas, maridos, lar, enfim uma – pluralidade – de mulheres e homens no interior de suas relações e práticas sociais.

Seguindo esta lógica de pluralidade na construção de gênero, Meyer (2012) apresenta esta temática como um elemento essencial no processo de construção das distinções entre homens e mulheres, seja através da sociedade e da cultura, com as instituições, símbolos, normas, seja através da linguagem. Sendo assim, para que haja nas escolas de EJA problematizações que expressem os sentidos de gênero ressaltada pela autora, faz-se essencial haver abertura dialógica na constituição de uma educação cultural. Os artifícios utilizados neste estudo deram abertura para expressão dos mais diversos dizeres das relações de gênero na EJA.

Nessa ótica, Pinto (2010, p.31) apresenta a educação como um fenômeno cultural. Não somente os conhecimentos, experiências, usos, crenças e valores a transmitir ao indivíduo, mas também os métodos utilizados pela totalidade social para executar sua ação educativa são parte do fundo cultural da comunidade e dependem do grau de seu desenvolvimento. Portanto, ao analisar as problematizações desta sessão, pode-se inferir que, de fato, vivencia-se uma construção do conhecimento de gênero em um processo social e histórico, que estiveram literalmente conectados ao grau de envolvimento dos/as partícipes em seus dizeres da temática, que em âmbito educacional condizem com itinerantes e distintos percursos de formação nos quais estão literalmente inseridos e/ou envolvidos.

Questão Dialógica Interventiva: Nas relações domésticas/profissionais, você considera que existam pontos de desigualdade entre homens e mulheres? E como essas situações afetaram e/ou afetam sua vida?

Em uma sociedade ideal, sonho de todos nós, todas as pessoas são tratadas de maneira igual com iguais direitos, deveres e obrigações, sendo reconhecidas pelo esforço e pelo mérito, não devendo ser rotuladas/classificadas, levando-se em conta aspectos relacionados puramente ao gênero. Entretanto, é fácil observar que em todos os âmbitos sociais, desde as relações domésticas passando também pelas profissionais, as questões relativas ao gênero são utilizadas para validar atitudes de tratamento desigual entre as pessoas e isso afeta a vida de todos e todas, inclusive no processo de formação.

Ultrapassar esse sistema injusto é desafio permanente para todos nós. E nesta lógica de desafios, apresenta-se a seguir dizeres que condizem espaços sociais e formativos de transgressão, quebra de paradigma, naturalizações e sentidos restrito de permanências, elementos impressos nas relações vivenciadas pelos/as partícipes deste estudo, a saber:

SF3: Existe e muitos pontos de desigualdade. Meu trabalho é em obras de construção eu sou ajudante na construção de casas, apartamentos etc. trabalho fazendo massa de cimento, reboco, pinturas e tantas outros serviços mais pesados que surgirem. Aprendi com meu pai e sigo na profissão. Construí minha casa, e agora trabalho na construção da casa dos outros. Sou pai e mãe dos meus filhos, tenho maior orgulho do que faço. Mas no trabalho sempre sofro preconceito, geralmente primeiro eu sempre preciso me impor entre os homens, impor respeito, sabedoria, agilidade. Depois que eles passam a me conhecer aí já era o trabalho flui muito bem. É difícil ser mulher trabalhadora de uma profissão masculina, pois além dos preconceitos, nem sempre recebo o mesmo que meus colegas de trabalho. Depende muito da empreitada e de quem está no comando. Sei que tenho capacidade para ser chefe de obra, mas por eu ser mulher vai ser difícil contratarem meu serviço. O preconceito como vocês trazem nesta atividade é construído nas relações de poder e ele para as mulheres trabalhadoras ainda é muito grande. Por isso que além de trabalhar estou aqui na EJA, porque o estudo clareia mais essas questões deixa a gente mais esperta.

Ao se analisar a fala transcrita por SF3, pode-se dizer que o trabalho é a maneira pela qual homens e mulheres conquistam o seu sustento e o sustento de sua família. Nesse contexto, o/a trabalhador é aquele/a que vende sua força de trabalho em troca de uma remuneração. Ao trabalhar, as pessoas modificam a sociedade e o meio em que vivem construindo novas realidades ao mesmo tempo em que modificam a si mesmos. Pinto (2010, p. 82) ressalta que “o trabalho expressa e define a essência do homem em todas as fases de sua vida (da infância à velhice), mas é no período adulto que melhor se compreende seu significado como fator constitutivo da natureza humana”.

Nesse contexto, relações de trabalho *versus* escola é algo muito pertinente na Educação de Jovens e Adultos, pois são, em sua maioria, discentes trabalhadores/as e isso requer da escola um mecanismo de ensino que se adapte à necessidade de utilização de

variadas linguagens: oral, escrita, cognitiva, tecnológica, o que requer da escola um novo perfil de formação profissional do trabalhador/a, com novas habilidades e competências para a formação humana em âmbito pessoal e social. Logo, Pinto (2010, p.86) salienta que “[...] o educando adulto é antes de tudo um membro atuante da sociedade. Não apenas por ser um trabalhador, e sim pelo conjunto de ações que exerce sobre um círculo de existência”.

Sendo assim, analisando os dizeres de SF3, vê-se o que Louro (1997) aponta sobre os mecanismos de reprodução das sociedades, em que ainda parece consenso que, sob a bandeira do respeito às diferenças, se legitimam relações desiguais entre homens e mulheres. É importante enfatizar que as sociedades condicionam definição de funções para homens e mulheres, e que, em sua maioria, se voltam em critérios rigorosos, preconceituosos, classistas e racistas, que, apesar da contribuição dos estudos feministas, ainda permanecem inquestionáveis e pouco alteradas no tempo; são incorporadas e repassadas às novas gerações como elementos naturais.

O depoimento de SF3 também faz refletir o posicionamento transgressor, ao ocupar espaços demarcados no campo de trabalho para a masculinidade hegemônica. Assim, Foucault (2002, p. 29) auxilia a pensar nesta questão, ao salientar que, a partir do momento em que há uma relação de poder, há uma possibilidade de resistência. Jamais se é aprisionado pelo poder: “podemos sempre modificar sua dominação em condições determinadas e segundo uma estratégia precisa”.

Nesse teor, valida-se o espaço da sala de aula, com os sujeitos da EJA, para desconstruir as desigualdades de gênero e buscar construir o espaço formativo que atravessa essas temáticas. Assim, este relato exemplifica a mulher que trabalha, vai à luta e tenta romper com o preconceito no mundo do trabalho. Mas não só isso, SF3 demonstra uma recíproca valorização dos estudos para assim integrar sua formação em seus saberes, pois este clareia e deixa mais esperta.

Seguindo esta conexão do saber posto nos estudos salientado por SF3, Pinto (2010, p. 80) enfatiza que “a necessidade de proporcionar um determinado conteúdo de saber obriga a ampliar área da educação além daquela intencionada. A educação é por natureza difusa, isto é, rompe, transcende todo limite que lhe seja imposto e se diversifica em ramos colaterais”.

Questão Dialógica Interventiva - Possibilidades de Permanência *versus* Mudança. Atualmente se pode dizer que existe uma diversidade de homens e mulheres e que nesta construção pode

haver inversões de papéis e posicionamentos sociais?

Felizmente, nos dias de hoje, a sociedade já vislumbra possibilidades de mudança em relação à aceitação social dos posicionamentos de gêneros, mediante a percepção de que de fato há uma diversidade de modos de ser homem e de ser mulher, o que, longe de ser algo nocivo para a nação, a enobrece e enriquece, já que propicia uma convivência em comunidade bem mais harmoniosa e saudável. Passa-se aos dizeres de SM3:

SM3: Na contemporaneidade em meio a espaços de poder, estreitamente normatizado e padronizado, percebemos claramente mudanças. Eu ainda acho que está ocorrendo lentamente, mas os meios de comunicação de uma forma geral ajudam muito. A escola quando adere projetos de intervenção como estes auxilia em mudanças bruscas na vida desses alunos, principalmente na EJA. Ajuda a entender que nada pode ser pronto, e que o papel que cada mulher e homem assume em casa no trabalho ou em qualquer outro ambiente que esteja inserido nunca deve estar pronto engessado, mas que tudo pode mudar e pode haver sempre uma inversão de papéis.

Há por parte desse partícipe, posto em sua fala, o reconhecimento de que a escola tem um papel importante na formação de mentalidades mais conscientes a respeito das concepções relativas ao gênero em um sentido construtivo em fazer-se homem e fazer-se mulher.

Entretanto, SM1 e SF4 ainda pensam em homem desempenhando funções tradicionais naturalizadas em sentido de soberania e força, e para mulher o sentido funcional nas atividades domésticas e, especialmente SF3 lembra que ainda que existam discursos em defesa da inversão de papéis, na prática, a desigualdade ainda permanece.

SM1: Eu penso assim, que mulher tem que fazer coisa de mulher e homem coisa de homem, não tem que misturar nada. Nos cuidados com os filhos, mulher já nasceu para ser mãe e um homem jamais terá os mesmos cuidados com o filho. Os homens são desajeitados para tudo em coisas de casa. Homem é bom para colocar dinheiro dentro de casa, para sustentar família e chamar atenção com voz firme dos filhos. Mas o resto não.

SF4: Por mais que falem que tudo pode inverter, na hora de voltar para casa para o trabalho, a gente vê que fica tudo desigual, e cada um no seu quadrado. E, é por isso que está sendo importante falar sobre isso na sala, quem sabe em casa a gente não começa a fazer diferente?

Ao analisar esses dizeres nos respectivos saberes dos/as partícipes, Louro (2000) auxilia a analisar essa questão enfatizando seu entendimento das relações de gênero em se fazer e se refazer continuamente ao longo da existência, que são socialmente produzidos, portanto, são dependentes da história e das circunstâncias. A autora ainda argumenta que

[...] mulheres e homens produzem-se de distintas formas, num processo carregado de possibilidades e também de instabilidades, desse modo, pode haver e há muitas

formas de ser feminina ou de ser masculino e reduzi-las todas a um conjunto de características biológicas resulta, seguramente numa simplificação (LOURO, 2000, p. 39).

Nesse contexto, pode-se singelamente afirmar que os dizeres expressos nas concepções dos nossos partícipes trazem marcas da diversidade de percepções e que, em espaços dialógicos constituídos, ficou evidente que existem permanências em papéis ou posicionamentos desempenhados por homens e mulheres carregados de naturalização em cada um assumir a função e o espaço que lhe cabe, como também posicionamentos transgressores e construtivos, na divisão de tarefas ou mistura de afazeres domésticos, por exemplo.

Os espaços diálogos constituídos viabilizaram aberturas em que os/as partícipes em seus dizeres contemplaram posicionamentos de suas percepções frente às relações de gênero. Freire ressalta a pertinência em constituir espaços para impulsionar a reflexão dos sujeitos em que

quanto mais for levado a refletir sobre sua situacionalidade, sobre seu enraizamento espaço temporal, mais ‘emergirá’ dela conscientemente ‘carregado’ de compromisso com sua realidade, da qual, porque é sujeito, não deve ser simples espectador, mas deve intervir cada vez mais (FREIRE, 2011, p. 84).

A fala de SM3, “[...] A escola quando adere projetos de intervenção como estes auxilia em mudanças bruscas na vida desses alunos, principalmente na EJA. Ajuda a entender que nada pode ser pronto”, nos faz pensar na essência formativa que constituiu problematizar essas questões na Educação de Jovens e Adultos, a temática gênero está inteiramente atrelada à escola; e de fato coaduna sentidos que incitam mudanças e reflexão de vivências que são sempre relativos ao contexto social e histórico da constituição de cada sujeito, podendo vir carregados de permanências, bem como entrelaçados a contextos de transgressão, mas que, sobretudo, são construtivos dos sujeitos e que depende, literalmente, do seu saber em seus respectivos espaços de formação.

Nesse tocante, os significados, os posicionamentos, as permanências, as possibilidades de mudanças, as inversões de papéis em atributos domésticos se fazem e estão na cultura, na história posta a cada partícipe em seus respectivos contextos formativos.

Como SM3 ressalta, “[...] não está pronto e finalizado”, e isso integra literalmente uma educação da infinitude em que, para Freire (2011, p.30), “a educação é possível para o homem e para a mulher, porque este é inacabado e sabe-se inacabado. Isto leva-o à sua perfeição”.

Sendo assim, na lógica formativa de constante busca para construção do conhecimento, em face de “sermos inacabados”, acredita-se que ter vivenciado possibilidades

de problematizações dessa temática com e para os/as partícipes da EJA se constituiu na concretização do objetivo central dessa pesquisa, o que viabilizou partilha-se simultaneamente sentimentos e atitudes que condizem com alegrias, satisfação, construções, transgressões e, acima de tudo, com as experiências formativas que estiveram efetivamente conectadas à construção do conhecimento em respectivos contextos social, histórico e cultural.

5 CONCLUSÃO

O que instigou a construção das considerações deste trabalho relaciona-se a rememorar-se ciclos de mudanças que se instalam nas várias facetas da vida, nos entrelaces de um estudo colaborativo, no desejo de constituir possibilidades em relativamente vivenciar as relações de gênero na e para a Educação de Jovens e Adultos.

Questionamentos e inquietações mobilizaram o processo de construção dessa pesquisa, diversos contextos e entrelaces nos permitiram refletir sobre a pertinência em discutir, dialogar e problematizar gênero com os/as partícipes da EJA. As falas que partilho se sintonizaram o cenário de novas descobertas, aprofundamentos teóricos e reflexões sobre caminhos possíveis para essa investigação.

Tive-se o privilégio de dialogar, construir espaços formativos com sujeitos que efetivamente partilharam dizeres de muita maturidade e sabedoria, os quais foram falas impressas nos sentidos pessoais e profissionais que contemplam suas experiências de vida e que estiveram estreitamente sintonizadas à temática trabalhada.

Compartilhou-se aqui percepções de gênero que coadunam um sentido de fazer-se e refazer-se nas várias facetas da vida, no âmbito da construção que difere de uma cultura para outra e que está interligado ao contexto pelo qual os/as partícipes foram formados, foram se constituindo: em suas casas, em suas famílias, nas relações afetivas, em diferentes contextos sociais. Palavras como transgressão, permanência, mudanças, construção e formação ampararam a integração das vivências de gênero com a EJA.

REFERÊNCIA

ARROYO, Miguel Gonzalez. A educação de jovens e adultos em tempos de exclusão. **Alfabetização e Cidadania**: Revista de Educação de Jovens e Adultos, São Paulo, n. 11, p. 9-20, 2001.

AQUINO, Maria Sacramento. Memórias da aprendizagem: a investigação de conteúdos significativos na organização curricular. In: FERREIRA, Adir Luiz (Org). **A escola socializadora: além do currículo tradicional**. Natal: EDUFRN, 2009.

DESGAGNÉ, Serge. O conceito de pesquisa colaborativa: a ideia de uma aproximação entre pesquisadores universitários e professores práticos. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 29, n. 15, p. 7-35, maio/ago. 2007. Tradução Adir Luiz Ferreira e Margarete Vale Sousa Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. A paixão de trabalhar com Foucault. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos Investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 35. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Educação como prática da liberdade**. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 46. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Eleta de Carvalho. Currículo, cultura e gênero: analisando os nexos. In: NASCIMENTO, Aristonildo Chagas Araujo et al. EPENN, 20, GT Currículo, **Anais...** Manaus: Valer, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 17. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

IBIAPINA, Ivana Maria Lopes de Melo. Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica. **Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica**, v. 1, p. 25-43, 2013.

_____. Reflexões sobre a produção do campo teórico-metodológico das pesquisas colaborativas: gênese e expansão. In: IBIAPINA, Ivana Maria Lopes de Melo; BANDEIRA, Hilda Maria Martins; ARAUJO, Francisco Antonio Machado (org.). **Pesquisa colaborativa: multirreferenciais e práticas convergentes**. [s.l.]: EDUFPI, 2016.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. **Currículo, Gênero e Sexualidade**. Porto - Portugal: Porto, 2000.

_____. Sexualidade: lições da escola. In: MEYER, Dagmar E.; SOARES, Rosângela (org.). **Saúde, Sexualidade e gênero na educação de jovens**. Porto Alegre: Mediação, 2012.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MEYER, Dagmar E. Corpo, gênero e sexualidade: desafios para a educação escola. In: MEYER, Dagmar E.; SOARES, Rosângela (org.). **Saúde, Sexualidade e gênero na educação de jovens**. Porto Alegre: Mediação, 2012.

_____. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). **Corpo gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2010.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete Lições sobre educação de adultos**. 16. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, José Jackson Reis dos. **Saberes necessários para a docência na Educação de Jovens e Adultos**, 2011. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Programa de Pós-Graduação em Educação, Natal, 2011.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul. /dez. 1990.